

SIGNIFICAÇÕES E SENTIDOS DE AMOR NA TERCEIRA IDADE: A PERSPECTIVA DE IDOSAS DA FAE SÊNIOR

Patrícia Cury Dias Baptista¹

Flávia Diniz Roldão²

RESUMO

A pesquisa aborda o amor na terceira idade, no olhar de idosas da FAE Sênior. O tema torna-se relevante diante do atual crescimento da proporção de idosos no Brasil. O intuito é colaborar com a revisão de preconceitos e proporcionar novos indicadores para profissionais que atuam com idosos. A relação do amor com diferentes aspectos na velhice foi posta em evidência, destacaram-se mudanças na forma de perceber e vivenciar esse sentimento ao longo da vida, e fatores considerados importantes em uma relação amorosa. O conteúdo oportuniza reflexões acerca da importância de um contexto familiar intergeracional mais compreensivo e acolhedor das necessidades e/ou desejos dos idosos, e da ressignificação de tabus pelos próprios idosos.

Palavras-chave: Terceira Idade. Amor. Idosos. Saúde. Envelhecimento.

¹ Aluna do 5º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2015-2016). *E-mail:* patricia.cury@hotmail.com

² Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná. Professora da FAE Centro Universitário. *E-mail:* flaviaroldao@gmail.com

INTRODUÇÃO

Segundo Ervatti, Borges e Jardins (2015), em 2010 a proporção de idosos era de 8,1% da população e a projeção para 2030 é que seja de 18,6%. Sabendo disso, é preciso que os psicólogos, e demais profissionais da área da saúde e humanas, possam conhecer os impactos de variáveis que afetam a vida na velhice, a fim de bem orientarem seu trabalho com essa população, para proporcionar aos gerontes uma melhor qualidade de vida por meio de sua atuação profissional.

A sociedade passou por importantes mudanças no século XX e isso influenciou a geração que se encontra na terceira idade. Houve o movimento feminista, a maior liberação de comportamentos sexuais, a pílula anticoncepcional, a lei do divórcio, entre outros. Resultando em modificações nos relacionamentos humanos (GOLDENBERG, 2011).

Esta pesquisa focou no tema do amor na terceira idade. Seu objetivo foi investigar os significados e os sentidos desse sentimento na velhice. Diferentes autores têm destacado o amor como uma das mais importantes fontes de prazer e satisfação, influenciando na saúde mental, emocional e física das pessoas (BRUNS, 2007; GOLDENBERG, 2013; MALDONADO; GOLDIN, 2004; MARAZZITI, 2007; ORNISH, 1998).

O propósito é contribuir com a discussão de um tema importante para os idosos, para ajudar a quebrar tabus e preconceitos; colaborar com a formação de psicólogos; proporcionar outro olhar para profissionais que atuam com idosos, além de oferecer a professores conteúdos atuais dessa temática.

Foi feito um estudo de caso, no 1º semestre de 2016, com idosas da FAE Sênior, curso de extensão da FAE Centro Universitário, em Curitiba, voltado para a terceira idade.

Este artigo discute os aspectos subjetivos do grupo e traz relatos que oportunizam um debate maduro sobre o tema. Foi utilizada a metodologia de pesquisa qualitativa em psicologia na abordagem de Fernando González Rey (2005), na qual a coleta e análise dos dados acontecem de maneira contínua e interativa entre pesquisador e pesquisados.

Os indicadores levantados foram discutidos na seção de análise e construção da informação e as considerações finais sobre os resultados alcançados até o momento e com sugestões de continuidade fecham este estudo.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este artigo expõe um recorte da pesquisa bibliográfica e documental feita acerca do amor e sua importância na vida, em particular para os idosos. Discute os significados desse

tema, na visão de autores de diversas áreas do saber científico, como a Antropologia, a Sociologia, a Medicina, além da Psicologia, bem como destaca as vantagens de as pessoas considerarem esse sentimento em suas vidas e os riscos para a saúde mental, emocional e física, para quem não reconhece a sua importância.

1.1 CONCEITUANDO O AMOR

O que é o amor atualmente? É preciso conhecer o contexto histórico-cultural em que está inserida a sua concepção, pois ele se expressa e se transforma junto com as mudanças sociais dentro de um contexto sócio-histórico e cultural. No ocidente, atualmente o amor está mudando de amor-romântico, o qual considera relações idealizadas, para uma concepção de amor companheiro (JABLONSKI, 1991), ou amor confluyente (GIDDENS, 1993), ou ainda amor líquido (BAUMAN, 2004). Apesar desta influência do contexto, é importante observar como cada indivíduo concebe (configura em sua subjetividade), o amor para si. Afinal, é desta interrelação dialética entre o externo e o interno, o ser um sujeito social e sujeito de sua própria história pessoal e singular, que o ser constitui sua subjetividade (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

O que é o amor? Há inúmeras formas de defini-lo. Por um lado, é preciso conhecer o contexto socio-histórico e cultural em que o conceito está inserido, pois ele se transforma junto com as mudanças sociais, e a forma como a cultura o conceitua influencia a percepção do amor pelas pessoas. Por outro lado, é importante observar como cada indivíduo percebe o amor para si, como ele internalizou este conceito e o expressa de maneira singular na vida. Neste trabalho, foram pesquisados autores contemporâneos para compreender o amor, pois é importante localizar o tema no momento pós-moderno que o mundo se encontra atualmente.

A concepção de amor na atualidade está mudando de amor romântico, o qual considera relações idealizadas e encapsuladas na visão de que somente a morte separa um casal, e de que se há amor, isso basta para unir um casal. Atualmente, o amor está indo para uma concepção de amor companheiro (JABLONSKI, 1991), o qual possui características de carinho, amizade, respeito, é mais maduro, ou de amor confluyente (GIDDENS, 1993), o qual valoriza as coisas boas da relação, dura enquanto está bom, ou ainda de amor líquido (BAUMAN, 2004), no qual uma separação pode acontecer a qualquer momento e os indivíduos são mais importantes que o relacionamento. Esses três conceitos estão postos em uma visão de mundo em constante transformação e imprevisível. Segundo o sociólogo Zigmunt Bauman (2004, p. 4), vivemos em uma **modernidade líquida**, a qual: “[...] traz consigo uma misteriosa fragilidade dos laços humanos – um amor líquido. A insegurança inspirada por essa condição estimula

desejos conflitantes de estreitar esses laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos”. No amor líquido está fortemente posto um componente de risco de separação. Assim, é preciso manter certa distância e considerar interesses individuais nas relações. Existe uma pergunta constante que é feita: O que eu ganho com este relacionamento?

Dessa forma, o que vale é uma relação em que prevaleça um balanceamento de sentimentos e satisfações que valha a pena para os dois. O sociólogo Anthony Giddens (1993, p. 73) denomina esse tipo de relação de “relacionamento puro”, o qual é baseado no “amor confluyente” que possui características de efemeridade e dinamismo. Nas palavras do autor: “[...] é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ da ideia de amor romântico”.

O “amor companheiro”, segundo o Doutor em Psicologia Social Bernardo Jablonski (1993), contém características de afeto, docilidade e amizade; é um amor mais duradouro e acontece quando um casal consegue permanecer junto após geralmente vivenciar uma fase de amor apaixonado, na qual prevalecem aspectos de idealização do outro e muita atração sexual. Segundo Jablonski (1993, p. 77), o que vai manter a relação é o companheirismo: “Assim, se o amor-paixão faz ‘acontecer’ os casamentos nos dias de hoje, é o amor-companheiro que vai mantê-los”.

Especial atenção às considerações destes autores contemporâneos, ainda precisa ser dada pelos psicólogos em seus estudos e em suas práticas, pois tal realidade gera vários impactos e repercussões, ainda não completamente mapeados e destacados pela comunidade científica. Esses impactos e repercussões, na subjetividade e no comportamento das pessoas, ocorrem em todas as idades, e expressam-se em suas formas de se relacionarem afetivamente, bem como, nas relações e configurações familiares, causando várias ressonâncias em diferentes instituições sociais.

O amor tem fortes ligações com o bem estar, principalmente porque atualmente somos livres para escolher os parceiros, mas é preciso dedicação para mantê-lo vivo, pois ele é uma construção. Segundo a autora e psiquiatra Marazziti (2007), o amor é um organismo vivo; é um sistema dinâmico; precisa ser alimentado constantemente para não ficar estagnado, e é necessário tempo para ser vivido plenamente.

Para a autora, a maturidade é uma época ideal para viver um amor equilibrado, pois, em geral, os idosos possuem uma personalidade amadurecida, sabem o que querem e conhecem mais a si mesmos do que os mais jovens. Essa autora separa o amor em duas fases: a do apaixonamento ou atração, e a do apego ou quietude.

1.2 FASES DO AMOR

O apaixonamento ou atração é marcado por sentimentos intensos e acontece por uma necessidade do ser humano de mudar, de renascer. Isso fica corroborado pelo sociólogo Francisco Alberoni (apud MARAZZITI, 2007, p. 33), quando ele esclarece que a atração reinventa o ser. Afirma que “[...] nos apaixonamos porque queremos criar, porque queremos subverter o nosso modo de ser a fim de explorar novas possibilidades, porque queremos superar a ‘morte’ dentro de nós, porque queremos nos reintegrar ao ciclo dinâmico da vida [...]”. Assim, fica evidente a relevância que o amor pode ter na vida de um idoso, renovando o significado de sua vida a cada dia. Para Maldonado, Mestre em Psicologia, e Goldin, psicanalista, (2004, p. 59, grifo nosso), o apaixonamento acontece em qualquer idade.

É um momento dionisíaco, que não tem idade para acontecer, seja na infância, seja na velhice. [...] Não há idade para esses sentimentos. A questão é até onde as pessoas se permitem vivê-los ou deixam que predominem as censuras do tipo “não devo” ou “não posso”, **mais frequente nas mulheres.**

Segundo Marazziti (2007, p. 66), após a fase de apaixonamento, vem a fase do apego ou quietude, e isso acontece quando “[...] a relação avançou de modo prazeroso, com o tempo a ansiedade atenuou-se ou de fato desapareceu”. Para a autora, é preciso dedicação ao relacionamento para criar intimidade entre os parceiros.

Parece, assim, que é necessário estar junto a uma outra pessoa por um período mínimo para fazer disparar esta fase, e é de conhecimento corrente que um relacionamento não se aprofunda de um dia para outro.

Essa fase do relacionamento representa sem dúvida o momento mais adaptado para dizer ‘eu te amo’, porque não existe apenas atração ou paixão física, mas a sensação de ser intimamente ligado ao outro de modo mais profundo e duradouro, que começa a ser justamente o amor (MARAZZITI, 2007, p. 67).

Outra autora que reforça a questão da diferença entre paixão e amor é a psicóloga Iara L. Camaratta Anton (2012, p. 255):

O amor pressupõe, sim, o reconhecimento dos valores do amado, a admiração e o respeito por ele. Mas há uma certa medida neste encantamento, pois ele deve ter bases reais e situar-se dentro dos limites do real. Amor e adoração não são sinônimos. Nem amor e paixão. Mesmo que tais sentimentos (paixão, adoração) se façam presentes num primeiro estágio, eles devem desaparecer em algum tempo. O amor subsiste às intempéries, pois implica na aceitação do outro, também em suas limitações, em seus senões.

Dessa forma, é preciso respeitar o tempo necessário para que os parceiros se conheçam e percebam suas qualidades e defeitos e que são pessoas normais e não os

semideuses, como são vistos na fase de apaixonamento, pois a idealização não existe mais, e é possível perceber que a relação mudou e que o sentimento foi modificado, sendo agora mais brando e sólido. Porém, um casamento saudável deve conter uma mistura de sentimentos, com doses de paixão, amor e também amizade entre os cônjuges. A respeito disso a antropóloga Mirian Goldenberg (2010b, p. 138) afirma:

A paixão, quando não acaba como fogo de palha, se transforma em algo mais tranquilo e administrável: o amor, que, para durar, deve conter resíduos dessa paixão inicial, ou corre o risco de se transformar em outro tipo de sentimento, a amizade.

Segundo Goldenberg (2010b), o amor deve aparecer em maior proporção, porém as doses de paixão são fundamentais para manter uma erotização no relacionamento e não deixar que o amor se transforme com o tempo *somente* em amizade e a relação vire fraternal. Como destaca a Doutora em Psicologia Educacional Bruns (2007), o amor fraterno não responde às necessidades de erotismo em um casal.

É certo que existem outras formas de se conceber o início de uma relação de amor, como aquelas que iniciam com amizade ou admiração, e vão se transformando com o tempo, porém o amor nascendo da paixão inicial é fato bastante presente, e aqui foi destacado pelos psicólogos citados.

1.3 IMPORTÂNCIA DO AMOR PARA A SAÚDE

O amor é um tema fundamental, pois dá significado às nossas ações. Segundo o cardiologista Ornish (1998), não importa o tipo de amor nem tampouco como é chamado, o relevante é ter pessoas que possamos amar e sermos amados por elas, bem como que nos deem sentido na vida e segurança, resultando em uma vida mais feliz e saudável. O autor afirma que “[...] qualquer coisa que contribui para a sensação de isolamento sempre leva à doença e ao sofrimento. Qualquer coisa que contribui para o amor e intimidade, a conexão e a comunidade, é curativa” (ORNISH, 1998, p. 23). Também declara que “quando nos sentimos amados, bem cuidados, apoiados e íntimos, temos maior probabilidade de ser feliz e de ter saúde. É menor o risco de adoecer e, se adoecer, é maior a chance de sobreviver” (ORNISH, 1998, p. 32).

Várias pesquisas citadas por esse autor corroboram com a relevância do amor para a saúde de todas as pessoas, destacam também a importância de dar e receber esse sentimento, além de mostrar o quão prejudicial o isolamento social pode ser.

Em um estudo com mais de setecentos idosos, por exemplo, os efeitos da velhice tinham mais a ver com o quanto eles contribuíam para a sua rede de apoio social do que com o que recebiam dela. Quanto mais amor e apoio ele ofereciam, mais se beneficiavam (ORNISH, 1998, p. 36).

Na experiência clínica do cardiologista Stephen Sinatra (1990, p.10), “emoções ou afetos inexpressos [...] terminam prejudicando o corpo e seu sistema imunológico [...]”.

A medicina tradicional tem o amor como tabu; os médicos costumam ver o coração somente do ponto de vista físico. No entanto, o coração é um órgão carregado de simbolismo, e os lados emocional e psicológico precisam ser cuidados também.

O Dr. Ornish sofreu muito preconceito da classe médica quando iniciou seu trabalho de pesquisa para relacionar a importância do amor e de uma rede de relacionamento na vida das pessoas como fator de saúde. A própria sociedade tem muita dificuldade em fazer essa relação. Ele relata diálogos que teve com alguns médicos, colegas de trabalho que seguem sua mesma linha de pesquisa, e que também se depararam com esses desafios. Cita uma das falas do Dr. Harvey Zarren:

Praticamente a todos os pacientes com doença coronariana, eu pergunto, “com quem você compartilha seus sentimentos?” Eles olham para mim como se eu fosse um extraterrestre. “O que isso tem a ver como meu coração?” É também um bom começo para ajudar as pessoas a compreender o quanto sua mente e seus sentimentos estão relacionados com o coração (ORNISH, 1998, p. 216).

No diálogo do Dr. Ornish com o psiquiatra James J. Lynch, Ph.D, fica claro tanto como a medicina tem dificuldade de lidar com o amor, como também a questão de que a solidão é um fator de risco de morte; ele declara que:

[...] É interessante como as palavras solidão e amor desaparecem da ciência e da medicina, e no seu lugar surgiram frases como “estresse mental” e “apoio social”. Há alguma coisa ameaçadora nessas palavras – amor é certamente uma palavra tabu para a ciência. [...] Notei que cada vez que um bebê chora, sua pressão fica cada vez mais alta. Durante algum tempo pensei que fosse apenas uma reação ao estresse. Então certo dia, como se estivesse sido atingido por um raio, compreendi que o aumento da pressão arterial não era uma resposta – era parte da comunicação! Então concluí – é exatamente o que os pacientes adultos estão fazendo, mas seu choro é apenas interior. E comecei a compreender que ouvir as pessoas abaixa sua pressão arterial porque ouvimos seu choro. Percebi então que o que procurávamos no corpo era limitado, que havia outro “corpo em diálogo” [...] (ORNISH, 1998, p. 231).

Uma questão interessante destacada pelos autores Maldonado e Goldin (2004) é que os casais idosos, que procuram uma segunda relação, após separações ou viuvez, precisam ser muito discretos em suas relações, por causa dos ciúmes dos filhos. Os descendentes, em geral, aceitam melhor as doenças do que um novo relacionamento dos pais idosos. Muitos desconhecem os benefícios que o amor traz para a saúde física e mental.

1.4 AMOR NA VELHICE

O relacionamento amoroso é possível em qualquer idade. Vários autores destacam que o desejo de amar e ter uma relação de amor está presente também na terceira idade (ANTON, 2012; BAIR, 2010; BRUNS; DEL-MASSO, 2007; CONCENTINO, 2013; GOLDENBERG, 2010a, 2011, 2013; MADOLNADO; GOLDIN, 2004; ROLDÃO, 2013).

O idoso vai se relacionar com outra pessoa de acordo com a sua história de vida, com o lugar e a forma que o amor ocupou nela. Segundo a psicóloga Roldão (2012, p. 6): “Cada relacionamento tem uma trajetória exclusiva, e cada pessoa uma história particular que leva consigo ao se relacionar com outra pessoa”. Além disso, ao longo da vida, acontecem ressignificações do amor, assim o idoso vai viver um amor que faz sentido para ele na fase em que ele está. A psicóloga Concentino (2013) afirma que:

Acreditamos que o amor, a paixão e o sexo podem ser ressignificados e transformados nas diferentes fases da vida. Assim, não precisam ser extintos, mas vivenciados de acordo com a potencialidade e o sentido subjetivo único que adquirem para cada pessoa.

Sendo o amor possível de ser ressignificado, pode ser um catalisador de mudanças na velhice, trazendo benefícios para a vida dos idosos. A respeito disso, Roldão (2013, p. 2) destaca: “[...] as relações amorosas elevam o potencial para gerar mudanças. Quando tais mudanças são férteis impulsionam o desenvolvimento; a resolução de questões subjetivas em aberto; a evolução pessoal”. Muitos idosos já perceberam essas oportunidades de transformação em seus relacionamentos e renovam seus sentimentos e relações. Assim, o preconceito a respeito do amor na velhice vai aos poucos sendo revisto. A respeito dessas considerações, Roldão (2013, p. 7) aponta: “[...] quando se fala em namoro, por exemplo, não é um tema exclusivo dos jovens. Cada vez mais pessoas adultas e de mais idade necessitam lidar com o assunto, pelo aumento do número de divórcios na contemporaneidade, e o fato da longevidade”.

A respeito da capacidade de amar dos idosos, Concentino (2013) menciona em sua obra um trecho do romance *O Amor nos Tempos de Cólera*, de Gabriel Garcia Marques, no qual um casal de idosos, que teve um romance na juventude, se reencontra na velhice e redescobre sua paixão.

Em outra passagem, quando Florentino Ariza lembra o amor deles na juventude, Fermina Daza volta a se irritar com ele e evita abordar o assunto. Irrita-se tanto com ele que cogita pedir que ele não a visite mais. No entanto, a ideia de uma briga de noivos na idade e situação em que estavam lhe parece tão ridícula que provoca um acesso de riso. Fermina Daza acaba descobrindo, ao longo do romance, que a capacidade de amar e desejar estava presente nela mesma com grande potencialidade e beleza também em sua velhice. Ao permitir esse amor, sente-se voltando à vida.

Na mesma obra Concentino (2013) comenta: “[...] Para eles, abrir mão do amor e da felicidade que viviam juntos era, com efeito, como morrer. Para os personagens, a morte é pensada e considerada como sendo a vida sem o amor que construíram”.

Apesar de avanços na sociedade em relação ao amor entre os idosos, o preconceito ainda é forte, inclusive por parte das próprias pessoas que estão na terceira idade como pelas pessoas de uma forma geral. A respeito disso Concentino (2013) destaca:

O desejo, o amor, a paixão, o sexo e muitas emoções intensas e próprias do homem são consideradas, na sociedade, como manifestações avessas à sabedoria e, portanto, inesperadas na velhice e até impróprias aos idosos.

[...] Quanto à capacidade de amar e se apaixonar como característica exclusiva dos jovens, na sociedade contemporânea o idoso parece não ser representado como capaz para o amor e as paixões. Essas características parecem ser vistas como inerentes ao jovem e são negadas ao idoso.

Mas os próprios idosos alimentam alguns preconceitos sobre relações amorosas na velhice. Maldonado e Goldin (2004, p. 63) afirmam que “Há diversas maneiras de estruturar relacionamentos amorosos. Entre os vínculos de longa ou de curta duração, há uma infinidade de opções, sobretudo quando diminui a preocupação com ‘o que os outros vão pensar’”.

As mulheres, em geral, dão muito valor para sua aparência física, pois a própria cultura atual valoriza o modelo do corpo jovem. A respeito disso Goldenberg (2013, p. 43) comenta: “Algumas mulheres se excluem do mercado afetivo e sexual em função de se sentirem inadequadas por não corresponderem ao modelo de corpo jovem”. A autora também faz um paralelo cultural entre mulheres do Brasil e da Alemanha, reforçando o quanto as brasileiras sofrem mais que as alemãs sobre o envelhecimento do corpo:

Observando a aparência das alemãs e brasileiras pesquisadas, as últimas parecem ser muito mais jovens e em boa forma do que as primeiras, mas se sentem subjetivamente muito mais velhas e desvalorizadas do que elas. A discrepância entre a realidade objetiva e os sentimentos subjetivos das brasileiras me fez perceber que aqui o envelhecimento é um problema muito maior, o que pode explicar o enorme sacrifício que muitas fazem para parecer mais jovens, por meio do corpo, da roupa e do comportamento (GOLDENBERG, 2010a, p. 33).

É preciso romper com os preconceitos da sociedade, para aumentar as chances dos idosos poderem se relacionar de forma livre, prazerosa e saudável; e também para que os casais idosos que já estão juntos há muitos anos possam expressar seu amor, bem como, os que querem encontrar um novo amor na terceira idade o possam fazer.

Está aumentando o número de pessoas sozinhas na velhice, pois além de ter aumentado a expectativa de vida, o divórcio nessa fase já é uma realidade.

As autoras Linhares, graduanda de Medicina, e Vianna, professora de Clínica Médica (2015) destacam:

Assim, o aumento das taxas de dissolução conjugal em idosos tem correspondência direta com o processo que se iniciou quando eles ainda eram adultos jovens. Infere-se que essa maior aceitação pela sociedade da dissolução conjugal faz-se presente também no julgamento de sua ocorrência na população idosa, de maneira a contribuir com a mudança comportamental dos idosos (LINHARES; VIANNA, 2015, p. 12).

O aumento das taxas de dissolução de casamento entre os idosos brasileiros foi significativo [...]. Vários fatores podem estar associados a este aumento, como mudanças constitucionais, maior tempo de convivência entre os cônjuges devido ao aumento da expectativa de vida, aumento na taxa de recasamento, sociedade mais tolerante à dissolução matrimonial, e maior autonomia da mulher, entre outros (LINHARES; VIANNA, 2015, p. 16).

Com tantas transformações sociais afetando os comportamentos e os relacionamentos de todas as pessoas, os idosos têm o direito de desfrutar do amor como todas as outras faixas etárias. É fundamental que a sociedade reconheça a importância de eles poderem ter uma vida de amor plena, para que possam desfrutar melhor a última fase do ciclo de vida.

1.5 AMOR E SEXUALIDADE

Outro fator importante para o amor conjugal é a sexualidade. É relevante tratar desse aspecto para os idosos, pois é fonte de saúde e atração, e o mais interessante, é que pode se manter ativa sempre, ao contrário do que a maioria das pessoas pensa. Ocorre que a sexualidade e sua forma de expressão muda ao longo do ciclo de vida. Segundo o psiquiatra e gerontologista Butler e a educadora e assistente social Lewis (1985), a sociedade em geral tem preconceito quanto à vida sexual na velhice e percebe os idosos como seres assexuados, inclusive quando um idoso ou uma idosa está paquerando alguém, as pessoas acham a atitude estranha e até doentia.

Uma mitologia alimentada por informações erradas rodeia a sexualidade após a idade madura. Supõe-se que o desejo sexual automaticamente diminui com a idade – que começa a declinar quando estamos na casa dos quarenta, continua a cair vertiginosamente (“você está se acabando”) e finalmente alcança o fundo (“você já pendurou a chuteira”) em algum momento entre os sessenta e sessenta e cinco anos. Assim, uma senhora de idade que mostre um interesse evidente, e talvez, até mesmo vigoroso, com relação ao sexo é frequentemente considerada como alguém que sofre de problemas “emocionais”; e se ela evidentemente mostrar que está de posse de suas faculdades mentais e ativa sexualmente, corre o risco de ser chamada “depravada” ou, de maneira mais delicada, ouvir que está segurando pateticamente uma juventude perdida (BUTLER; LEWIS, 1985, p. 13).

Como afirmam os autores citados, há vida sexual após os sessenta anos e os preconceitos estão no fato de termos medo de envelhecer (BUTLER; LEWIS, 1985). É fundamental que façamos uma transformação nos paradigmas de como a velhice está posta. É preciso quebrar tabus e medos, até mesmo em relação aos padrões de beleza, pois esta deve ser vista na terceira idade de forma mais sofisticada. É importante valorizar a personalidade mais formada e equilibrada; o acúmulo de conhecimento a ser descoberto e explorado; a inteligência com mais possibilidades de conexões em razão de terem ocorrido muitas experiências. Sexualidade para os idosos, assim como para todas as idades, fortalece a intimidade do casal e é fonte de vitalidade.

Para manter o desejo e a atividade sexual ativos, é preciso primeiro querer, mas muitos não querem; no entanto, não há problema nisso, pelo contrário, é possível viver uma vida feliz sem sexo na velhice (BUTLER; LEWIS, 1985). A questão é que muitos querem, ou muitos que poderiam querer nem sabem que podem. Para os que querem, investir na saúde é o principal, e quanto antes iniciar os cuidados melhor. É fundamental cuidar da alimentação, do sono, do exercício físico e do lazer, além de procurar ajuda para dificuldades tanto físicas como e emocionais.

Por outro lado, as outras pessoas de mais idade que gostam de sexo devem ser encorajadas e apoiadas, assim como receber as informações necessárias e um tratamento adequado se surgir algum problema. A sexualidade, reação física e emocional ao estímulo sexual, está além do impulso e do ato sexual. Para muitas pessoas de mais idade, ela oferece a oportunidade não apenas de expressar paixão, mas também afeto, estima e lealdade. Fornece provas afirmativas de que se pode contar com o corpo e seu funcionamento. Permite que as pessoas se afirmem positivamente. Traz consigo a possibilidade de emoção e romance. Expressa a alegria de estar vivo. Oferece um constante desafio ao crescimento e mudanças para novas direções (BUTLER; LEWIS, 1985, p. 17).

Alguns casais não colocam o sexo em primeiro plano e encontram prazer em outras atividades igualmente satisfatórias. Maldonado e Goldin (2004, p. 61) afirmam: “[...] O sexo é o caminho mais direto para o prazer, porém não é o único”. Dessa forma, fica evidente a importância de o casal conversar e conhecer o que é prazeroso para ambos, para que o relacionamento seja pleno e relativamente completo.

Bruns (2007, p. 30) traz aspectos diferentes sobre a importância do erotismo no processo de envelhecimento; traz a dimensão do sexo como linguagem, ou seja, as pessoas se comunicam por meio da sexualidade: “É um jeito de colorir a vida. É um modo inteligente de transitar a temporalidade. A comunicação erótica fortalece o diálogo imprescindível para oportunizar laços de confiança e de compromissos para a realização de projetos comuns. [...]”.

Por fim, é preciso considerar a importância dos idosos terem espaço para expressar o amor por meio de sua sexualidade. É fundamental que tanto a sociedade como as próprias pessoas que se encontram na terceira idade repensem seus preconceitos, para poderem permitir mais essa importante realização aos casais na velhice.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, baseada nas obras de González Rey (2002, 2005) e Bock (2011), autores representantes da Psicologia Sócio-Histórica. Essa abordagem em Psicologia tem uma forma própria de ver o homem e de compreender como se constrói o conhecimento e a identidade das pessoas. Segundo essa perspectiva: a metodologia leva em consideração que a história e a cultura são parte do indivíduo, constrói quem ele é e como vive e pensa a sua vida; as pessoas interferem na construção da cultura do mesmo modo que esta interfere na constituição de quem os indivíduos vão se tornando ao longo da vida; a subjetividade é construída na relação entre as pessoas e dentro de um contexto social.

A pesquisa teve caráter exploratório e utilizou o estudo de caso como procedimento; em relação à de coleta de dados foi utilizada a dinâmica conversacional em grupo, a confecção de redação e a realização de questionário aberto. A técnica de análise de dados utilizada foi a análise de conteúdo qualitativa de base construtivo-interpretativa, indicada por González Rey (2002; 2005), Doutor em Psicologia. Essa metodologia não divide o processo nas fases de coleta e análise de dados, ao contrário, as interliga durante toda a pesquisa (REY, 2002).

2.1 A PESQUISA QUALITATIVA EM PSICOLOGIA

A Metodologia de Pesquisa Qualitativa em Psicologia de González Rey (2002; 2005) está inserida em uma visão de mundo pós-moderno, caótico e dinâmico; no qual a realidade é não linear, irregular, interativa e plurideterminada. O homem é visto como sujeito ativo. Assim, se apresenta a epistemologia qualitativa de base construtivo-interpretativa, na qual o conhecimento é construído ao longo do processo, de forma dinâmica e flexível, em um embate constante de contradições entre pesquisador e pesquisados. Esse tipo de pesquisa valoriza os momentos empíricos, a subjetividade dos envolvidos e as interpretações do pesquisador (BOCK; GONÇALVES; FURTADO, 2011).

É possível afirmar que o estudo não visa a descrição da realidade, mas sim a compreensão singular dela, com objetivo de produzir conhecimento. Segundo Rey

(2005, p. 5), “A Epistemologia Qualitativa defende o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma realidade que nos apresenta”.

A pesquisa segue um processo interativo e tem caráter contínuo, no qual a linguagem é fundamental para a construção da informação. O problema de pesquisa e as hipóteses não estão fechados, estão em processo de construção ao longo do estudo. Esse tipo de pesquisa abre novas possibilidades para a construção teórica e gera novas zonas de sentidos, assim não esgota o problema. É por meio da interação e comunicação entre pesquisador e pesquisados que surgem os sentidos subjetivos, os quais são as bases para a interpretação e produção do conhecimento por parte do pesquisador (REY, 2005). Desse modo, a pesquisa se configura como um campo de relações, no qual a importância da expressão do sujeito está posta ao longo de todo o processo; sujeito esse que deve expressar-se de forma livre e aberta.

A proposta metodológica enfatiza a compreensão da pesquisa qualitativa como processo dialógico que implica tanto o pesquisador como as pessoas que são objeto da pesquisa, em sua condição de sujeito do processo. Isso pressupõe uma ênfase nos processos de construção sobre os de resposta, rompendo a lógica instrumentalista que durante anos hegemonizou o processo de produção de conhecimento em Psicologia (REY, 2002, p. ix).

O pesquisador é um investigador e é alguém que pensa, interpreta e constrói; é capaz de produzir e legitimar o conhecimento no confronto do momento empírico e suas ideias; é um facilitador da dinâmica que favorece o diálogo. Esse explorador não apenas faz perguntas, mas integra-se na conversação de forma dinâmica, atuando no processo de interpretação dos sentidos subjetivos dos pesquisados. A relação com os pesquisados deve ser valorizada pelo pesquisador, pois a experiência humana é o insumo dos conteúdos subjetivos. Rey (2002, p. 58) evidencia isso: “O contexto interativo e o tecido relacional da pesquisa determinam o valor da qualidade da informação, o qual só se pode conseguir com o envolvimento e a motivação dos sujeitos estudados”. Outra característica importante acerca do pesquisador é que esse deve estar voltado para a interpretação das novas zonas de sentido subjetivo expressas pelos sujeitos pesquisados, e não simplesmente para o acúmulo de dados coletados.

2.1.1 Importância da Subjetividade

A subjetividade discutida neste trabalho é conceituada por Rey (2002): é uma categoria que está constantemente sendo desenvolvida pelas pessoas, na inter-relação

com o social. São as sínteses específicas de cada indivíduo construídas em suas experiências.

Considero a subjetividade o sistema de significações e sentidos subjetivos em que se organiza a vida psíquica do sujeito e sociedade, pois a subjetividade não é uma organização intrapsíquica que se esgota no indivíduo, mas um sistema aberto e em desenvolvimento que caracteriza também a constituição dos processos sociais, tema que tenho explicado por meio da categoria de subjetividade social (REY, 2002, p. viii).

Um dos princípios levados em consideração nesta metodologia é a humanização da ciência, e isso implica incluir o homem e seus processos na definição da qualidade do conhecimento; assim, a pesquisa qualitativa dá atenção singular ao estudado. Nesse processo **como** o sujeito fala é tão importante quanto **o que** está sendo dito. A dimensão compreensiva e qualitativa da pesquisa ganha destaque, buscando o entendimento de cada pessoa e de cada caso estudado em sua singularidade. Não visa à generalização dos dados, mas a compreensão peculiar e em profundidade do recorte estudado.

2.1.2 A Construção do Conhecimento e o Trabalho de Campo

O processo de construção de conhecimento é visto por essa metodologia como um processo vivo, em constante desenvolvimento, tal como a vida, em uma relação dialético-histórica entre pesquisador, pesquisado e objeto de pesquisa. Nesse sentido, o pesquisador deve envolver e cativar os pesquisados em relação ao tema, à pesquisa e ao objetivo desta. O momento do diálogo entre pesquisador e pesquisados pode gerar contradições que favorecem o desenvolvimento do estudo, enriquecem a própria pesquisa e o conhecimento a ser construído.

Tanto o problema de pesquisa quanto as hipóteses representam também uma construção em processo e não se destinam a provar, nem a verificar, mas a construir um conhecimento junto com as pessoas; novas questões vão sendo abertas durante a pesquisa, que é entendida como um processo, e assim, o trabalho instigará novas pesquisas na sequência.

A ciência e o conhecimento estão em constante processo de evolução. Segundo Rey (2002), o levantamento e a análise de dados aparecem como um continuum, em que se interpenetram, e a linha condutora é a produção teórica. Os instrumentos de pesquisa são abertos, para facilitar a expressão do sujeito, supõem diálogos. Podem ser de expressão individual ou de grupo, de forma oral ou escrita, expressos através de processos interativos.

O trabalho de campo, nesta abordagem metodológica, segue uma lógica configuracional, pois seus processos vão se configurando ao longo do processo de pesquisa, no qual os elementos e os momentos empíricos se interconectam continuamente. A configuração do trabalho de campo desta pesquisa se deu pelo processo de análise e construção da informação de base construtivo-interpretativo, que se formou por meio da fundamentação teórica e do estudo de caso. Foram organizados dois momentos empíricos com o grupo de idosas da FAE Sênior para o estudo de caso. Nesses encontros foram aplicados três tipos de instrumentos: a dinâmica conversacional com o grupo, que é um instrumento próprio desta metodologia; uma redação sobre o tema “Amor na terceira idade” e um questionário aberto de pesquisa.

A análise e a construção da informação vão se delineando à medida que o pesquisador identifica indicadores de sentido subjetivo nas falas ou nos textos coletados dos pesquisados. Uma técnica utilizada nesse processo é o uso de categorias, como forma de ordenação e organização do processo construtivo-interpretativo. As categorias não são fixas, se mantêm em construção ao longo do trabalho e auxiliam no processo de construção teórica.

2.2 O ESTUDO DE CASO NA FAE SÊNIOR

A FAE Sênior é um programa de extensão da FAE Centro Universitário, em Curitiba, para o público idoso. O intuito é oportunizar a troca de experiências e a aprendizagem, além de ser um local de sociabilização para idosos. O programa iniciou suas atividades em março de 2015.

No primeiro semestre de 2016, quando se deu este trabalho de pesquisa, havia um grupo de 47 alunos inscritos, formado por 44 mulheres e 3 homens. Com exceção de duas mulheres, uma com 50 anos de idade e outra com 59 anos, todos os membros do grupo tinham acima de 60 anos, sendo que a mais idosa estava com 86 anos. O grupo de alunos da FAE Sênior foi escolhido para este estudo de caso devido à sua configuração atender aos objetivos da pesquisa: a grande maioria dos integrantes pertencer à faixa etária da terceira idade.

A primeira aproximação das pesquisadoras com o grupo foi para apresentar o projeto. O intuito foi mostrar a proposta e observar as primeiras impressões das pessoas sobre amor na terceira idade. A receptividade do grupo foi positiva. Foi possível fazer o plano para dar seguimento à pesquisa. Outro propósito deste momento foi de contatar os pesquisados.

Dentro do cronograma estabelecido do curso e da pesquisa, foi possível fazer dois momentos empíricos, em formato de oficinas de trabalho, nas quais foram utilizados,

como instrumento de obtenção e análise de conteúdo, a dinâmica conversacional, uma redação e um questionário aberto. Foi entregue o documento “Consentimento Informado” para cada participante. Esse documento teve o propósito de formalizar a participação dos pesquisados de forma opcional.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DA CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO

A análise e a construção da informação desta pesquisa foram realizadas por meio do estudo de caso na FAE Sênior. Os instrumentos de coleta de dados foram obtidos de forma oral e escrita, utilizando as técnicas de dinâmica conversacional, redação e questionário aberto. A observação participante das pesquisadoras também gerou conteúdo para a análise.

Neste trabalho serão discutidos os relatos das idosas da FAE Sênior sobre o amor na terceira idade. Elas participaram das duas oficinas realizadas especificamente para esta pesquisa. Na primeira oficina haviam 31 idosas no início da sessão, mas duas saíram da sala no momento de iniciar a partilha oral; 19 delas entregaram redações escritas. Na segunda oficina haviam 25 idosas e todas responderam a um questionário aberto.

A seguir, TAB. 1 resume a participação efetiva nas oficinas.

TABELA 1 – Participação efetiva das idosas nas oficinas

	Presentes no início da oficina	Presentes no final da oficina	Instrumentos escritos coletados
1ª Oficina	31	29	19
2ª Oficina	25	25	25

FONTE: As autoras (2016)

A seguir, a TAB. 2 apresenta a configuração de idade, obtida na segunda oficina, por meio do questionário. Algumas idosas não estavam na primeira oficina e algumas que estavam na primeira oficina não estavam na segunda.

TABELA 2 – Quantidade de idosas por idade na segunda oficina

Idade	50	59	62	64	65	67	69	70	72	74	75	76	78	81	82	86	ND*	Total
Quantidade	1	1	2	2	1	2	1	1	3	2	1	2	2	1	1	1	1	
Total	2		8					11						3			1	25

FONTE: As autoras (2016)

* Não declarado

Também na segunda oficina, por meio das respostas ao questionário aberto, foram obtidos dados referentes ao estado civil. A grande maioria das idosas era viúva ou casada na época da pesquisa, mas havia uma parcela de 20% que era divorciada. Foi possível relacionar, entre as viúvas e divorciadas, quantas têm ou já tiveram relacionamentos amorosos após divórcio e viuvez, e quantas não tiveram relações amorosas após divórcio ou viuvez.

Entre as viúvas, a maioria não teve relacionamento após a morte do marido. No caso das divorciadas, a maioria já teve ou considera ter outro relacionamento, conforme ilustra a TAB. 3.

TABELA 3 – Estado civil e relacionamento das idosas após divórcio ou viuvez

	Qtd.	%	Tem ou teve relacionamento após divórcio ou viuvez	Não teve relacionamento após divórcio ou viuvez
Viúva	10	40%	4	6
Casada	9	36%	--	--
Divorciada	5	20%	3	2
Não declarou	1	4%	ND	ND
Total	25		7	8

FONTE: As autoras (2016)

Alguns trechos das redações, dos questionários e das falas foram selecionados por conterem relatos com conteúdos subjetivos considerados significativos, e serão discutidos nos próximos parágrafos. Na passagem a seguir, uma idosa de 62 anos, divorciada, que estava namorando na época da pesquisa, conta em sua redação como é essa nova relação:

Acredito que a Receita de Amor na terceira idade deve estar baseada nos bons sentimentos, de qualquer outra idade: respeito, amor, paciência, compreensão, companheirismo etc. O equilíbrio de uma relação deve estar presente em todos os momentos. Fui casada 16 anos com o pai dos três filhos que temos, passada a turbulência da separação (1º ano), hoje temos uma relação de amizade, que atende perfeitamente sem atritos. Separada durante 3 anos, iniciei uma nova fase de um namoro que já dura 17 anos, só que cada um em sua casa. Relacionamento sério, saudável com briguinhas, pequenos “tempos”, mas existe uma ligação muito grande entre nós. Acho muito bom ter alguém.

Nota-se a importância que ela dá aos “bons sentimentos” e ao “equilíbrio de uma relação”, indicadores da sua subjetividade associados ao que ela pensa de um relacionamento e que ela traz para a nova relação: “respeito, amor, paciência, compreensão, companheirismo”, coisas que ela não encontrou na primeira relação.

Durante a oficina, outra idosa perguntou se o amor era arrebatador como na adolescência, ela respondeu que é diferente. Em algumas das suas respostas, no questionário, ela explica como sente o amor atualmente: “Com a maturidade o amor é mais sereno, melhor de se viver amando”. “Gostoso de ser vivido, mais sereno, tranquilo”. “O relacionamento é intenso, há respeito e cumplicidade”. Essas frases reforçam o indicador de sentido subjetivo ligado aos “bons sentimentos” e ao “equilíbrio” em relação ao amor vivido na velhice.

Observa-se que, ao contar do novo relacionamento, ela reforça que eles não moram juntos e que existe uma relação forte entre eles, apesar de pequenas brigas.

Percebe-se a relevância disso em sua frase “só que cada um em sua casa”. Outro indicador de sentido subjetivo é encontrado, relacionado ao valor que é dado ao fato de morar separada do companheiro. Em sua fala, nos momentos de interação do grupo, diz: “acho essencial ter alguém, mas não moramos juntos, mas todo final de semana ficamos sempre juntos, desde sexta-feira até domingo”. Outra idosa a questionou se o que ela sentia era amor ou apenas uma necessidade de ter uma companhia; ela respondeu que no começo era vontade de ter uma companhia e que isso foi se transformando em amor; ela também relatou que talvez, se morassem juntos, era possível que já tivesse acabado faz tempo o relacionamento. No final de sua narração, deixou claro que ter um relacionamento é muito bom. Ficou evidente que foi capaz de superar uma separação conjugal, de ressignificar o amor e iniciar uma nova relação que lhe dá satisfação.

Em outra resposta do questionário ela se posiciona em relação ao que a sua família acha do seu relacionamento: “Os meus filhos acham importante que eu tenha este momento, com amor recíproco. Ficamos bem todos juntos”. Esse é outro indicador de sentido subjetivo que aparece em seu relato, agora relacionado à importância que ela dá à questão da aceitação do relacionamento, por parte dos seus filhos. Isso fica evidenciado em sua frase “Ficamos bem todos juntos”. Percebe-se que a pesquisada construiu uma boa relação entre seus filhos e o companheiro. Dessa forma, ela mantém uma identidade de mãe e mulher bem integradas.

Outra idosa, de 70 anos, contou, em seu relato oral, que três anos após o marido ter falecido, reencontrou um antigo chefe, o qual se encantava por ela, e começaram a namorar; ele mora em outra cidade e estão juntos há 20 anos. A seguir, é apresentada uma passagem de sua redação:

Quando você descobre o amor do homem para a mulher você vive as mesmas sensações, não importa a idade 13 anos, 20, 30, 40, 50, 60, 70, você sente as mesmas emoções e seu coração pulsa da mesma forma. Penso que todas as pessoas gostariam de encontrar um novo amor, mas não permitem. Sou viúva há 23 anos e tenho um relacionamento de 20 anos, mas não moramos na mesma casa.

Na fala anterior, verifica-se que ela valoriza “o amor do homem para a mulher” e que isso desperta nela emoções que sentiu em outros anos de sua vida. No seu relato oral, ela diz: “Ele manda mensagens todos os dias”. Assim, fica destacado um indicador associado ao quanto é relevante sentir o amor do seu companheiro por si. Isso fica claro também em uma de suas respostas do questionário: “[...] para mim é necessário alguém que me paparique e valorize, me declare poesias de amor”. Esses sentimentos a remetem a outros anos de sua vida, pois “seu coração pulsa da mesma forma”. Também realça que ela se permite ter esses sentimentos; isso fica evidente em outra frase “Penso que todas as pessoas gostariam de encontrar um novo amor, mas não permitem”. Dessa forma, nota-se outro indicador, ligado à sua permissão para viver um amor na sua idade.

Apesar do relato romântico, ela destaca em suas respostas do questionário passagens que demonstram maturidade no relacionamento. Sua resposta à pergunta sobre o que é o amor foi: “É doar-se”; responde que percebeu uma mudança a respeito do amor ao longo de sua vida, que hoje tem “maior compreensão”; destaca que os fatores mais importantes em uma relação amorosa na terceira idade são “dedicação compreensão, companheirismo, sexo, fidelidade, respeito”.

Outro indicador dos sentidos subjetivos dela é a respeito de eles não morarem na mesma casa, inclusive moram em cidades diferentes, e que isso traz uma liberdade para eles. Em seu discurso oral ela diz: “Nós amamos a liberdade, liberdade de não ter que dar satisfação, não existe impedimento”. Assim, posiciona-se em relação à importância que ela dá em sentir-se livre; dessa forma, não aparece em seus discursos uma ruptura na sua identidade como mulher independente, característica que ela demonstra ter. Portanto, a liberdade destaca-se como indicador de sua subjetividade, pois ela posiciona-se como sujeito desse aspecto valorizado por ela. Relata também, em uma de suas repostas ao questionário, sobre a importância da aceitação do seu relacionamento por parte de sua família: “Minha família aceita e admira este amor, pois é verdadeiro; a aceitação se faz pela oportunidade de você ter um confidente que te entende e ampara e compreende o que estamos vivendo”. Fica claro, dessa forma, o quanto para ela é relevante que sua família, assim como ela, admire o amor do casal. Nota-se mais um indicador associado ao quanto ela precisa dessa admiração da família e que isso reforça seus próprios sentimentos, pois ela se sente amparada e compreendida por “ter um confidente” que entende o que eles estão vivendo.

Outras respostas e relatos marcaram indicadores de sentido subjetivos de diversas idosas. Um delas de 86 anos contou que casou a primeira vez com 58, viveu com ele 20 anos e agora está viúva. Escreve que o amor para ela na terceira idade é “uma grande experiência de vida! (a maior)”. Escreveu também que esse amor: “Foi importantíssimo!! Pelo ótimo resultado!!!”. Ao responder à pergunta do questionário se está tendo atualmente um momento de amor, ela escreve: “Não tive esta oportunidade. Coloco-me nas mãos de Deus!”. Quando houve o momento da partilha, em forma de dinâmica conversacional, ela relatou que se aparecesse outro homem em sua vida, ficaria muito feliz. Nesse momento houve muita risada e descontração na sala; desse modo, aparece um indicador de sentido subjetivo do grupo, associado à aprovação por parte das colegas idosas sobre a oportunidade de ter um amor na velhice. Ao responder sobre os fatores mais importantes em uma relação amorosa na terceira idade, ela escreve: “Penso que seria o companheirismo”.

O companheirismo aparece como a categoria mais importante entre os fatores mais relevantes em uma relação amorosa na velhice, na perspectiva das mulheres idosas desta pesquisa apareceu em destaque nos relatos, nas redações e nas respostas dos questionários, a TAB. 1 evidencia isso. Sendo, portanto, o companheirismo outro indicador de sentido subjetivo do grupo de idosas da FAE Sênior. Há uma relação

deste companheirismo, como o fator que apareceu como mais relevante para um relacionamento na terceira idade, com a definição de amor companheiro de Jablonski (1991), descrita anteriormente na seção 1.1 *Conceituando o amor*.

As características mais importantes em uma relação amorosa na terceira idade, citadas nos relatos escritos e orais das idosas, relacionados por ordem de quantas vezes cada um apareceu nos discursos, nas redações e nas respostas do questionário, estão demonstradas na TAB. 4, a seguir.

TABELA 4 – Fatores mais importantes em uma relação na terceira idade

Fator	Quantidade
Companheirismo; Colaboração; Parceria	23
Compreensão; Tolerância	22
Respeito; Consideração	19
Paciência	16
Cumplicidade	13
Carinho; Afeto; Ternura	12
Dedicação; Entrega; Doação	11
Vontade de estar juntos	8
Amizade; Solidariedade	8
Amor	7
Liberdade	4
Sexo	3
Participação; Disponibilidade	3

FONTE: As autoras (2016)

A característica Companheirismo apareceu 20 vezes, mas as autoras decidiram por agrupar as palavras Colaboração e Parceria pela conotação de sinônimo que apresentam com Companheirismo; assim como outros sinônimos foram agrupados. Na sequência, os fatores mais relevantes citados pelas idosas foram: Compreensão e Tolerância, Respeito e Consideração, Paciência, Cumplicidade, Carinho e Dedicação. Outros fatores menos citados também apareceram, como: Sabedoria, Sinceridade, Família do outro, Confiança, Alegria, Vontade de viver, Submissão, Perdão, Aceitar o envelhecimento, Atração, Admiração, Preocupação com o ouro, Fidelidade, Diálogo e Proteção.

A maioria das idosas que registrou a configuração do amor nos relacionamentos na terceira idade relatou que é um amor mais maduro e sereno, diferente de uma relação da juventude. Uma idosa, de 72 anos, casada, que já comemorou bodas de ouro com o marido, escreveu:

Amor se aprende com a convivência. No início da vida a dois o significado era mais toque físico, mais relacionado aos filhos, que vieram em seguida. Aos poucos, com o passar do tempo, o amor se tornou um sentimento de cumplicidade e hoje (depois

de 50 anos de convivência) é compreensão, carinho, companhia e amizade. Existe, é claro, o toque físico, porém não é o essencial.

Nota-se um indicador de sentido subjetivo associado às características mais ponderadas e amadurecidas do amor na velhice. Indicador esse que aparece em vários relatos. Outro indicador de sentido subjetivo, associado à queda da importância da relação sexual para ela nessa fase da vida, aparece na frase “Existe, é claro, o toque físico, porém não é o essencial”. Nota-se que ela declarou no começo da sua escrita que: “No início da vida a dois o significado era mais toque físico [...]”. Demonstrando a mudança de importância que esse fator teve em seu relacionamento. Porém, nota-se que sua declaração “Existe, é claro, o toque físico [...]” deixa evidente um indicador de sentido subjetivo sobre a importância desse tipo de contato na vida de um casal, mesmo que fique em segundo plano.

Uma resposta do questionário, de uma idosa divorciada de 67 anos, destaca que ela não está tendo um momento de amor na terceira idade e explica o motivo: “Não. Mas [tenho] sim um amor platônico. Porque o interesse dos homens de qualquer idade é para jovens, bonitas, elegantes e que possam exibir na sociedade”. Assim, fica evidente um indicador que caracteriza sua subjetividade, relacionado ao quanto ela desvaloriza sua aparência física e o quanto disso reflete o que está posto no social. A discussão sobre a subjetividade social da valorização do corpo jovem aparece na obra de Goldenberg (2011, p. 21):

Essa perspectiva leva a frisar a desvalorização dos corpos idosos, especialmente dos corpos idosos femininos submetidos às normas estéticas de juventude veiculada pelas indústrias cosmética e farmacêutica e pelos meios de comunicação, que hoje, assumem sobretudo a forma de uma pressão ‘para envelhecer jovem’ e ‘lutar contra o envelhecimento’.

Essa questão do culto à juventude apareceu em outro relato, reforçando o quanto o contexto cultural está posto na valorização dos corpos jovens, criando desvalorização dos corpos idosos. Esse tema afeta as idosas e cria mais uma barreira além dos preconceitos já postos pela sociedade em relação ao amor na terceira idade. Entretanto, algumas idosas encontram meios de confrontar essa visão e se permitem viver o amor nessa etapa da vida, conforme explicitado anteriormente. Fica a pergunta: Como é para os homens idosos essa questão do corpo da parceira e o seu próprio na terceira idade? Indagação que fica para uma próxima pesquisa focada no público masculino na fase da velhice.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reflexões relevantes foram trazidas pelo estudo de caso com as idosas da FAE Sênior. Foi possível perceber vários aspectos subjetivos nas expressões partilhadas das pessoas participantes e também do grupo como um todo em relação ao sentido do amor na terceira idade. Indicadores de sentido subjetivos foram destacados nos relatos escritos e orais e alguns foram explorados neste documento.

Um indicador evidenciado pelo grupo está associado à transformação do sentimento de amor no avançar do ciclo de vida. Idosas que tiveram outros relacionamentos na velhice revelaram que têm as mesmas sensações que quando eram jovens, mas que isso está ligado ao momento da paixão no início das relações. Percebeu-se, porém, que na perspectiva das pesquisadas, o amor na velhice é mais sereno. Isso ficou evidente pelo fato de o companheirismo ser o elemento aqui destacado como o mais importante em uma relação amorosa na terceira idade, seguido de compreensão, respeito, paciência, cumplicidade, carinho, dedicação, entre outros que caracterizam o amor companheiro, definido por Jablonski (1993).

Outros indicadores foram evidenciados. Um deles foi relatado por mulheres divorciadas ou viúvas. Elas relataram suas histórias de segunda relação que não moravam na mesma casa que o parceiro, ou até que os companheiros moravam em cidades distantes, apesar de os relacionamentos serem de muitos anos. Também apareceu um indicador relacionado à importância da aceitação do relacionamento por parte dos filhos, reforçando, assim, **o quão relevante é a família para elas. Mais um indicador surgiu sobre a relevância de sentir o amor do** parceiro, por meio de gestos de carinho, demonstrando que as mulheres idosas valorizam esse tipo de afeto, e que os homens são capazes de assim expressar seu amor e interesse pela companheira. Notou-se outro indicador de sentido subjetivo relacionado com a questão de a mulher se permitir viver um amor na terceira idade; essa **autopermissão** precisa ser trabalhada contra os preconceitos presentes na sociedade. A liberdade de não ter que dar satisfação para o companheiro surgiu como outro indicador, mostrando ser um valor importante para algumas mulheres nessa etapa da vida. Percebeu-se a **autodesvalorização do corpo da mulher idosa** como uma das barreiras para entregar-se a um parceiro na velhice, também como indicador de sentido subjetivo. Fica, então, a pergunta de o quanto disso está posto na subjetividade social. **Sexualidade** foi pouco destacada pelas idosas, mas apareceu em alguns relatos e, apesar de estar presente, esse indicador surgiu relacionado à queda da importância do ato sexual em si nas relações amorosas na velhice.

É preciso que a sociedade problematize esses preconceitos evidenciados nos relatos, como a questão do corpo envelhecido da mulher idosa e da sexualidade, para que seja aceitável viver sem essas amarras sociais, que tanto oprimem as mulheres. Nesse sentido,

profissionais de saúde em geral e os psicólogos mais especificamente, podem dar uma grande contribuição ao debater esses temas. Percebe-se, no entanto, um avanço demonstrado neste grupo de mulheres, e que corroboram a fundamentação teórica, em relação ao amor na terceira idade, dado que os relatos de segunda relação se configuram de maneira aberta, uma vez que permitem a convivência em casas separadas e também tocam na questão de se manter certa liberdade de ambos na relação. De forma geral, as idosas casadas, estão com o mesmo marido há bastante tempo, e mesmo essas não apresentaram resistência em relação às outras que relataram suas experiências; nos relatos escritos, inclusive, algumas afirmam não condenar quem quer ter outro relacionamento após divórcio ou viuvez.

O percurso metodológico, utilizando a Pesquisa Qualitativa em Psicologia na abordagem de Fernando González Rey (2002; 2005), foi fundamental para o alcance dos resultados deste estudo, pois permitiu perceber a importância de se criar um vínculo entre pesquisador e pesquisado. Esse laço de conexão favoreceu a abertura ao diálogo e também facilitou as percepções das zonas de sentido subjetivo e a construção de conhecimento por parte das pesquisadoras.

Algumas dificuldades foram percebidas, como a ampla escassez de literatura sobre o amor na velhice, e a inexistência de pesquisas em psicologia nessa área especificamente. Isso demonstra ser um campo a explorar. Foi possível identificar limitações, como o fato de somente mulheres terem participado das oficinas, ficando uma perspectiva feminina do tema.

O pouco tempo disponível para pesquisa foi outra restrição e um desafio, pois, na abordagem metodológica utilizada, é importante ter um tempo de contato amplo entre pesquisador e pesquisado, a fim de fortalecer vínculos e facilitar a obtenção e análise dos conteúdos coletados, mesmo assim este trabalho tem um recorte do tema com particularidades importantes e bastante significativas.

Considera-se que os objetivos da pesquisa foram alcançados, visto que os resultados apresentados contribuem com a discussão do tema para a sociedade (e especialmente com pessoas idosas); proporcionam conteúdos atuais sobre o tema, para que professores possam utilizar como base para seus materiais didáticos; colaboram com a formação de novos psicólogos e oferecem um olhar atual para profissionais que atuam com idosos.

Restou a motivação de ampliar a pesquisa sobre o tema ainda mais, pois é preciso conhecer a perspectiva de outros grupos. É também muito importante que se possa investigar a concepção de amor entre homens idosos, para conhecer o olhar masculino, e, dessa forma, ter um panorama mais completo. Finalizando, fica a aspiração de trabalhar o tema com a sociedade, para que a vida dos idosos seja mais plena e tenha ainda mais possibilidades de autorrealização, e para que a convivência intergeracional seja mais compreensiva e aberta às possibilidades e desejos deles, favorecendo escolhas entre os diversos caminhos possíveis de vida.

REFERÊNCIAS

- ANTON, I. L. C. **A escolha do cônjuge**: um entendimento sistêmico e psicodinâmico. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- BAIR, D. **Começar de novo**: o divórcio na terceira idade. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. da G. M.; FURTADO, O. (Org.). **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRUNS, M. A. de T.; DEL-MASSO, M. C. S. (Org.). **Envelhecimento humano**: diferentes perspectivas. Campinas: Alínea, 2007.
- BUTLER, R. N.; LEWIS, M. I. **Sexo e amor na terceira idade**. São Paulo: Summus, 1985.
- COCENTINO, J. M. B. **O amor nos tempos da velhice**: perdas e envelhecimento na obra de Gabriel García Márquez. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. Ed. Kindle.
- ERVATTI, L. R.; BORGES, G. M.; JARDINS, A. de P. (Org.). **Mudança demográfica no Brasil no início do século XXI**: subsídios para as projeções da população. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv93322.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2015.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GOLDENBERG, M. (Org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- GOLDENBERG, M. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- _____. **Intimidade**. Rio de Janeiro: Record, 2010a.
- _____. **Por que homens e mulheres traem?** Rio de Janeiro: BestBolso, 2010b.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- _____. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe**: a crise do casamento contemporâneo. Rio de Janeiro: Agir, 1991.
- LINHARES, B. das N.; VIANNA, L. G. Análise do aumento da dissolução conjugal na população idosa brasileira, 2002-2011. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 109-128, 2015. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/23898/17149>>. Acesso em: 11 mar. 2016.
- MALDONADO, M. T.; GOLDIN, A. **maturidade**. São Paulo: Planeta, 2004.

MARAZZITI, D. **A natureza do amor**. São Paulo: Atheneu, 2007.

ORNISH, D. **Amor & sobrevivência**: a base científica para o poder curativo da intimidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ROLDÃO, F. D. Indagações para o estabelecimento de relações amorosas que geram desenvolvimento e construção. **Revista Portal de Divulgação**, São Paulo, v. 3, n. 30, p. 28-35, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/view/346/346>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

_____. Infidelidade: em três obras de Miriam Goldenberg. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA FAMILIAR, 10., 2012, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2012. Disponível em: <<http://www.abratef.org.br/backup-2012/anaiscongresso2012/#>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

SINATRA, S. Introdução. In: LOWEN, A. **Amor, sexo e seu coração**. São Paulo: Summus, 1990.

